

A IMPORTÂNCIA DA CRIAÇÃO DE CORREDORES ECOLÓGICOS PARA ÁREAS DE FRAGMENTOS FLORESTAIS

Por Joany Deodato

A derrubada de grandes extensões de florestas ocasionou o isolamento de muitas áreas florestais. Um fragmento florestal pode ser definido como qualquer área de vegetação natural contínua interrompido por barreiras antrópicas (estradas, culturas agrícolas, etc.) capazes de diminuir significativamente o fluxo de animais, pólen e/ou sementes (VIANA, 1990).

A fragmentação da floresta em ilhas causa o isolamento, desencadeia uma série de mudanças no micro clima, o distúrbio do regime hidrológico das bacias hidrográficas, a degradação dos recursos naturais e a modificação ou eliminação das relações ecológicas com outras espécies, mas uma das maiores consequências é a diminuição da biodiversidade que compromete a regeneração natural e a sustentabilidade das florestas.

Com o processo de fragmentação pode ocorrer uma redução mais acentuada do que a esperada em função da mortalidade resultante do efeito de borda e da extinção local de populações.

Os corredores são conexões entre diferentes ambientes e/ou fragmentos florestais que permitem o fluxo gênico entre as populações silvestres, minimizando o isolamento causado pela fragmentação, proporcionando vias de intercâmbio e incrementando as possibilidades de movimento de indivíduos entre populações isoladas e, conseqüentemente, a possibilidade de sobrevivência na meta populacional.

Contudo, os corredores não foram criados necessariamente para abrigar populações a longo prazo, mas deve aumentar as probabilidades de sobrevivência de uma determinada espécie.

O corredor é composto por uma espécie de colcha de retalhos de áreas ambientalmente sustentáveis: parques, reservas públicas ou privadas, terras indígenas, propriedades com sistema agroflorestais ou ecoturismo e até cidades.

Os corredores não são unidades políticas ou administrativas, mas extensas áreas geográficas onde se destacam ações coordenadas destinadas a proteger uma parte substancial da biodiversidade na escala dos biomas. Tais ações envolvem fortalecimento, expansão e a conexão de áreas protegidas. As estratégias dos corredores incentivam usos de baixo impacto, tais como manejo florestal e os sistemas em zonas críticas dentro e entre as áreas de reserva, desencorajando os usos de tecnologias de alto impacto que causam o desmatamento em larga escala. A implementação dos corredores requer um elevado grau de envolvimento e cooperação de todos os seguimentos da sociedade. Outra característica dos corredores é que o seu desenho deve conter intervenções de curto prazo enquanto planeja os resultados a longo prazo.

Para o estabelecimento de corredores ecológicos são necessários procedimentos complexos envolvendo a seleção de áreas, o estudo e manejo, identificação de instrumentos ecológicos que viabilizem o seu estabelecimento, com a participação de diversas instituições governamentais e organizações da sociedade civil de abrangência local, regional, nacional e até internacional.

É preciso ressaltar, entretanto que mesmo paisagens fragmentadas oferecem oportunidade de movimentação de organismos. Exceto em situações extremas, paisagens naturais modificadas em regiões continentais ainda permitem o intercâmbio de indivíduos em diferentes graus.

Um conjunto de pequenos fragmentos isolados, porém próximos podem servir de vias de acesso para o trânsito de espécies, funcionando como trampolins ecológicos. Enquanto os fragmentos maiores são importantes para a manutenção da biodiversidade e de processos ecológicos em larga escala, os pequenos remanescentes cumprem funções extremamente relevantes ao longo das paisagens, funcionando como elementos de ligação entre grandes áreas, promovendo um aumento no nível de heterogeneidade da matriz e atuando como refúgio para espécies que requerem ambientes particulares que só ocorrem nessas áreas.

Nesse sentido, sempre que não existe ligação entre um fragmento florestal e outro, é importante que seja estabelecido um corredor entre estes fragmentos e a área seja recuperada com o plantio de espécies nativas ou através da regeneração natural. Um meio fácil de criar corredores é através da manutenção ou recuperação das matas ciliares, consideradas áreas de preservação permanente, que ultrapassam as fronteiras das propriedades e dos municípios. Através das matas ciliares é possível estabelecer conexão com as reservas legais e outras florestais dentro das propriedades.

A criação de corredores baseia-se na premissa de que, atualmente, ameaças múltiplas e crescentes para a proteção da biodiversidade exigem mais que o estabelecimento discreto de áreas protegidas pelo Governo, cercadas por paisagens em que as atividades de desenvolvimento prosseguem desenfreadamente. Esta abordagem levou a arquipélagos difundidos de parques e reservas isoladas que estão frequentemente sitiadas de todos os lados, as quais são inadequadas para garantir a proteção a longo prazo da espécies de plantas e animais que contêm.

Devido a combinação de gestão inadequada e falta de integração das populações locais na proteção, as áreas protegidas do Brasil tornam-se alvos de caça, exploração madeireira, agricultura, mineração e assentamentos. Podemos citar o exemplo dos Corredores Centrais da Amazônia e da Mata Atlântica, mostra bem claro a realidade dos fragmentos Florestais no Brasil.

Os corredores devem ser dimensionados e administrados para garantir que espécies da fauna e flora possam sobreviver e continuar seus processos biológicos normais.

Só nós resta esperar pela mudança do paradigma atual de conservação da biodiversidade, de ilhas biológicas para corredores ecológicos, alcançando assim grandes áreas críticas. Visando ademais fortalecer a capacidade regional e local por meio de adoção de modelos inovadores de gestão de corredores.